

A OPERACIONALIDADE DAS *FAKE NEWS* NAS BOLHAS DIGITAIS: UM ESTUDO SOBRE A DESINFORMAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Laura Di Giacomo Mariutti (IC) e Bruna Suruagy do Amaral Dantas (Orientadora)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

Os algoritmos que atuam na organização do meio digital para controle de fluxo dos conteúdos desempenharam um papel determinante na disseminação de notícias sobre a pandemia. As bolhas digitais, construídas a partir dos algoritmos, facilitaram a circulação de fake news sobre a covid-19 ao mesmo tempo que retiraram do espaço virtual conteúdos que defendiam ideias contrárias às crenças do usuário, violando o direito do cidadão de ter acesso à verdade. O funcionamento característico do ciberespaço fortaleceu a era da pós-verdade e favoreceu, consequentemente, os movimentos de massa. Adotando a metodologia documental qualitativa, a presente pesquisa estudou a operação dos algoritmos nos nichos digitais, a formação de notícias falsas sobre a pandemia e sua propagação nos movimentos de massa virtuais. Foram selecionadas informações inverídicas sobre o vírus e a doenças pandêmica a partir das linguagens, imagens, discursos, dados estatísticos e conteúdos simbólicos. Para além da identificação das características das falsas declarações, também é foco deste estudo analisar o estado psicológico dos sujeitos inseridos na massa. Em cenário de polarização político-ideológica, as multidões se tornam peças extremamente poderosas e úteis para defender, propagar e sedimentar os dogmas do líder.

Palavras-chave: pós-verdade, bolhas digitais, pandemia, massa.

ABSTRACT

The algorithms that operate in the organization of the digital medium to control the flow of content played a decisive role in the dissemination of news about the pandemic. Digital bubbles, built from algorithms, facilitated the circulation of fake news about covid-19 while removing content from the virtual space that defended ideas contrary to the user's beliefs, violating the citizen's right to have access to the truth. The characteristic functioning of cyberspace strengthened the post-truth era and, consequently, favored mass movements. Adopting a qualitative documentary methodology, this research studied the operation of algorithms in digital niches, the

formation of false news about the pandemic and its propagation in virtual mass movements. Untrue information about the virus and pandemic diseases was selected from languages, images, speeches, statistical data and symbolic content. In addition to identifying the characteristics of false statements, it is also the focus of this study to analyze the psychological state of the subjects inserted in the mass. In a scenario of political-ideological polarization, crowds become extremely powerful and useful pieces to defend, propagate and consolidate the leader's dogmas.

Keywords: post-truth, digital bubbles, pandemic, mass

1. INTRODUÇÃO

A seletividade das informações nas plataformas digitais tornou-se necessária à medida que a quantidade de conteúdo difundido neste espaço se expandiu de modo que para o usuário ficou inviável absorvê-lo. A forma como as informações são filtradas é arquitetada pelas grandes empresas de tecnologia, motivadas pela monetização de dados do usuário. Toda ação executada no ciberespaço é retirada do contexto e transformada em dados, utilizados para identificar nossas preferências. A partir das informações disponibilizadas voluntariamente por cada internauta, são traçados perfis que concentram padrões comportamentais e tendências de consumo, reduzindo todos à condição de meros consumidores. Os algoritmos, portanto, são responsáveis por detectar os gostos dos usuários, com base em sua interação com a internet, fazendo-os ter contato exclusivamente com conteúdo de maior afinidade (MACHADO e MISKOLCI, 2019; FAVA e JUNIOR, 2015; ROUVROY e BERNIS, 2015).

Conforme Pasquale (2017), a ação dos algoritmos ocasiona uma situação grave, pois constrói barreiras digitais que restringem a experiência nas redes sociais, empobrecendo-a e ignorando sua potencialidade democrática e plural. A regulação algorítmica impede o indivíduo de entrar em contato com visões de mundo diversas e culturas divergentes, submetendo-o a um repertório simbólico restrito e excluindo as demais possibilidades de explorar o ciberespaço. O indivíduo perde sua autonomia, pois não tem consciência da forma como os mecanismos de seletividade de informações atuam. O internauta se encontra aprisionado em sua bolha digital que funciona quase como um eco, limitando-o a acessar conteúdos que refletem sua própria visão de mundo, produzindo uma falsa sensação de pertencimento (Favar, Junior; 2015).

Ao mesmo tempo que todos esses veículos de comunicação valorizam a interação social, proporcionam o isolamento dos usuários, conduzindo-os à solidão

Logo, na prática, os laços sociais são fragilizados. Por mais que se tenha a impressão de diversidade e pertencimento, o que se encontra neste ambiente é justamente o contrário. A internet segmenta a sociedade em grupos a partir de suas crenças e ideologias, mantém cada indivíduo em nichos sociais específicos, ignora a complexidade e a capacidade reflexiva dos usuários e os considera apenas um conjunto de dados (Machado e Milskolci, 2019; Fava e Junior, 2015; Rouvroy e Berns, 2015; Quadrado e Ferreira, 2020).

Os algoritmos criam uma espécie de blindagem que evita qualquer contato dos indivíduos com as divergências, desencadeando uma atrofia do pensamento crítico. É nesse terreno fértil que as notícias falsas são lançadas e têm uma repercussão inesperada dada sua natureza fantasiosa, improvável e infundada. O sistema algorítmico modula os usuários mais suscetíveis a crer em informações falaciosas, tornando-os receptores, em sua rede, de um conglomerado de *fake news*. Eles, muitas vezes, não terão acesso aos dados verídicos, o que contribuirá para fazê-los acreditar em enredos desprovidos de qualquer veracidade e plausibilidade. O prejuízo do raciocínio crítico gera dificuldade para discernir o fato da falácia. Portanto, as mídias digitais e redes de relacionamento exercem forte controle sobre as ações, afetos e pensamentos de diversos grupos, resultando em efeitos sociais e políticos imprevisíveis (Fava e Júnior, 2015; Falcão e Souza, 2021; Villaça, 2019; Hegenberg, 2019).

Por mais que o funcionamento do ciberespaço facilite a propagação das *fake news*, esta estratégia já foi utilizada em diversos momentos da história, sempre com o objetivo de destruir o adversário. A repetição incessante de uma única mentira já é suficiente para que seja aceita como um fato irrefutável. A ideia, mesmo que ilógica e absurda, tem capacidade de atingir a todos e as consequências podem ser irreversíveis; basta lembrar da produção de informações falaciosas sobre os judeus durante a ascensão de Hitler. A tomada de decisão do indivíduo será baseada em dados irreais, ou melhor, em uma realidade inventada por um grupo específico com o intuito de ampliar sua esfera de influência e expandir suas redes de poder. (Falcão e Souza, 2021; Hegenberg, 2019)

As mentiras, então, sempre estiveram presentes na história, em diferentes momentos e locais no mundo. Servem como ferramentas para criar inimigos – bodes expiatórios – e disseminar, de forma antiética e criminoso, uma ideologia. Portanto, a motivação por trás deste comportamento está diretamente ligada à necessidade do sujeito de propagar suas crenças para que elas se tornem mais fortes e populares; além de procurar prejudicar, desonrar e desacreditar aqueles que possuem opiniões divergentes. Entretanto, a propagação e o consumo de *fake news* na atualidade têm

se intensificado de maneira inédita em razão do alcance, da amplitude e da velocidade das novas tecnologias (Júnior, Petroll, Da Rocha; 2019)

Com apenas um clique é possível que qualquer conteúdo se espalhe rapidamente pelas redes sociais. Ademais, a quantidade de usuários das plataformas digitais ultrapassou o público dos meios de comunicação tradicionais, permitindo que, em segundos, um volume substancial de informações seja postado e compartilhado. Se a produção e disseminação de notícias era exclusiva dos jornalistas - da indústria cultural - atualmente, o destinatário da informação desempenha outro papel; podendo receber um conteúdo, modificá-lo da forma que julgar mais interessante e, por fim, compartilhar. Portanto, há infinitas possibilidades de distorções em relação a qualquer notícia (Bucci, 2018; Villaça, 2019; Fernandes, 2020; Júnior et al., 2020; Junior e Petroll e Da Rocha, 2019).

Verifica-se um crescimento exponencial do fluxo de dados no ciberespaço, de forma descontrolada e sem fiscalização. O funcionamento da internet depende da interação da audiência; a ação dos usuários determinará o alcance das postagens. As *fakes news* são justamente as informações que mais se propagam, pois sua produção é muito barata e simples, possibilitando que qualquer usuário seja um autor em potencial. O usuário também é um receptor de uma grande quantidade de informações que chegam a todo o momento; este ritmo acelerado provoca no sujeito o hábito de compartilhar dados sem ao menos verificar sua comprovação, evidenciando a falta de responsabilidade que caracteriza o meio digital. Em 2016, foi levantado pela Universidade de Columbia e o Instituto Nacional Francês, que 56% dos links disseminados nas redes não eram acessados pelas próprias pessoas que compartilhavam. Geralmente, o conteúdo destas mensagens é carregado de apelo emocional, atingindo os indivíduos de maneira profunda e instigando-os ao compartilhamento instantâneo, sem nenhuma preocupação com a apuração dos fatos. Toda atividade dos usuários no ciberespaço, especialmente o ato de compartilhar, gera lucro para a própria plataforma, que também fatura com as notícias falsas (Bucci, 2018; Villaça, 2019)

Os discursos informais —aqueles que não seguem método algum para a verificação do fato—podem ser igualmente poderosos no quesito de convencimento. Segundo Monari e Sacramento (2021), existem técnicas para que o discurso utilizado nas notícias falsas, alcance o maior número de pessoas possíveis. A primeira delas é o uso da opinião; a opinião pessoal do autor e interlocutor é levada em consideração para construir a linguagem discursiva. Em seguida, a técnica *call to action* utiliza-se de palavras no discurso que demonstrem senso de urgência referente a tal notícia, desta forma, cresce o sentimento de dever dentro do indivíduo de compartilhar o conteúdo. E

por fim, uso de autoridades; isto é, o aproveitamento da credibilidade e reputação de uma figura pública ou instituição com o objetivo de legitimar o discurso. É interessante observar como esta última técnica citada é usufruída para demonizar o opositor; governantes da esfera pública tiveram seus nomes atrelados a informações errôneas, fomentando a desconfiança por parte da população referente a órgãos governamentais (Júnior et al., 2020).

Por consequência, uma onda de desinformação e desconfiança vem se consolidando. Uma vez que as mídias digitais não são um canal informativo inteiramente confiável, os indivíduos se desorientam com o bombardeio de conteúdos divulgados, não conseguindo avaliar sua adequação, coerência e correspondência com a realidade. Em resposta a este cenário de incertezas e a esta guerra de informações, o sujeito opta pelo comodismo de escolher sua verdade de acordo com suas crenças, em vez de procurar a fidedignidade da notícia. Este fenômeno marca a era da pós-verdade. (Falcão e Souza, 2021; Hengenber, 2019; Villaça, 2019)

Segundo Falcão e Souza (2021), a era da pós-verdade se caracteriza pela relativização da verdade. As emoções são fundamentais à construção do pensamento inconsistente do mundo digital, o qual ignora a lógica, a razoabilidade e a ciência dos fatos. Para determinar que uma informação é verídica, basta estar de acordo com os valores do sujeito. Dessa maneira, os usuários compartilham os conteúdos condizentes com sua visão de mundo, sem ao menos se preocupar com sua veracidade, propiciando um ambiente ainda mais repleto de *fake news* (Villaça, 2019; Hegenberg, 2019; Holanda e Lavor Filho e Antunes, 2019).

De acordo com Hegenberg (2019), a escolha pela sua verdade e a negação da realidade concreta evidenciam o narcisismo exacerbado do ser humano. O ego domina o indivíduo de tal forma que sua racionalidade é prejudicada, focando apenas na satisfação de seus desejos e se tornando alheio à realidade à sua volta. Desse modo, a humanidade está retrocedendo, a comprovação dos fatos perdeu seu valor na contemporaneidade, enquanto os indivíduos vão se fechando ao mundo externo e se aprisionando em seu universo particular (Falcão e Souza, 2021; Villaça, 2019).

A disseminação de notícias sempre esteve sob poder dos grandes veículos, consequentemente somente uma narrativa era exposta, dispensando outras perspectivas que são igualmente importantes para a construção da opinião pública. As manifestações de 2013 contra o aumento da tarifa de ônibus foram um marco em relação ao descontentamento do público quanto à cobertura de grandes impensas; em resposta, os manifestantes utilizaram, justamente, as redes sociais como principal ferramenta para difundir outro lado da história. As redes sociais propunham um ambiente mais democrático, possibilitando que o povo não ficasse à mercê do

monopólio midiático, os convidando para se expressar. A liberdade de expressão é um valor fortemente defendido e assegurado pelas plataformas, influência de uma mentalidade neoliberal que acredita e preza pela liberdade de manifestação de forma absoluta. Entretanto, a quantidade absurda de fake news, principalmente no período da pandemia, exigiu que os veículos tradicionais de comunicação e as plataformas digitais tomassem medidas inovadoras comparadas às decisões do passado. Os grandes veículos que antes expunham apenas um recorte dos acontecimentos, hoje realizam a verificação de notícias; já as plataformas digitais que consideravam o supervisionamento deste meio como censura, compreendeu a necessidade da exclusão de postagens/comentários. (Vasconcellos-Silva e Castiel, 2020; Júnior et al., 2020; Junior e Petroll e Da Rocha, 2019).

Nos períodos mais dramáticos da pandemia, a relativização da verdade provocou consequências gravíssimas. A difusão nas redes sociais de *fake news* sobre a covid-19 levou diversos brasileiros a acreditar em medidas, sem eficácia, para o combate do vírus, expondo-se a riscos sanitários que afetaram as ações governamentais de natureza epidemiológica, fragilizando o controle da crise pandêmica. Segundo Vasconcellos-Silva e Castiel (2020), em períodos de crise e pânico, os meios de comunicação desempenham um papel fundamental, devem assumir a responsabilidade ética e política oferecendo transparência aos acontecimentos e divulgação dos dados, tendo como objetivo proteger e acalmar a população. Vasconcellos-Silva e Castiel (2020) ressaltam a importância das medidas de fiscalização como maneira de suavizar a infodemia, quantidade abundante de notícias não confiáveis, proporcionando obstáculos à sua resolução.

O plano de ação de cada governo em relação ao combate à pandemia foi determinante para o bem-estar da população. No caso do Brasil, os discursos feitos pelo então presidente foram caracterizados por negacionismo, banalização do vírus, notícias falsas e politização da ciência. Desde o início do surto sanitário em 2020, ele foi responsável pelo incentivo da quebra do isolamento social, defendendo a ilógica medida do isolamento vertical e o uso em massa de medicamentos sem comprovação de eficácia como a cloroquina e ivermectina. Ainda que o vírus tenha afetado o globo inteiro, uma parte significativa do povo desacreditou na gravidade da situação, isso porque o discurso negacionista utiliza de táticas para alcançar o máximo de indivíduos (Almeida-Filho; 2021).

Os processos de negacionismo apresentam cinco características: 1) identificação de conspirações; 2) uso de falsos experts; 3) seletividade, focalizando em artigos que contrariam o consenso científico; 4) criação de expectativas

impossíveis para a pesquisa; e 5) uso de deturpações ou falácias lógicas (Caponi et al., 2021)

Considerando esse cenário, a circulação e aceitação dos preprints tem se tornado cada vez mais presentes nos debates sobre a pandemia; os preprints são artigos científicos que não foram ainda submetidos pela avaliação entre os pares, porém, já são divulgados na internet. Esta prática ocorria para agilizar a comunicação no universo acadêmico, tendo em vista que muitas vezes o este e o manuscrito final eram idênticos. O grande perigo está no fato de utilizarem-no como evidência oficial e estarem inseridos nos jornais e redes sociais, enquanto seu conteúdo é extremamente controverso. Ou seja, a luta contra o negacionismo não é o equivalente a aceitar de forma absoluta e sem indagações os discursos científicos (Caponi et al., 2021; Oliveira et al., 2021).

O negacionismo sempre tem fins políticos, nega determinadas pesquisas para a adoção de uma ideologia que trará benefício a um nicho político específico; banaliza-se o vírus em detrimento da economia. Para Jair Bolsonaro fixar sua doutrina em relação à pandemia, tomou medidas que beiram ao autoritarismo e fascismo; em meio a uma crise sanitária demitiu dois ministros da saúde por defenderem as medidas de segurança da OMS e se recusarem ao incentivo do uso de medicamentos sem comprovação. Automaticamente, estes políticos, principalmente Mandetta, foram vítimas de uma narrativa que os colocou como inimigos da pátria, ao passo que a cloroquina se tornou um signo de esperança para aqueles que desacreditam no vírus (Caponi et al., 2021; Almeida Filho; 2021).

Tendo em vista o funcionamento dos algoritmos nas redes sociais, é possível afirmar que atualmente esse sistema tem operado para negar as divergências ideológicas, disseminar notícias falsas e consolidar a desinformação de massa. A presente pesquisa tem como objetivo geral analisar o *modus operandi* das *fake news*, com foco nas notícias em relação à pandemia da covid-19, e seus efeitos psicossociais e afetivos sobre os fenômenos de massa. Para alcançar tal fim, é necessário: 1) compreender a atuação dos algoritmos nas redes sociais; 2) investigar a formação e o funcionamento das bolhas digitais; 3) examinar a dinâmica das *fake news* e suas vinculações com os movimentos de massa.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A psicologia social tem como um dos seus objetos de estudo os fenômenos de massa. Le Bon (1895) e Freud (1921) descrevem a massa como um agrupamento de indivíduos com características muito específicas: abandono da subjetividade, fixação

em apenas uma ideologia, perda significativa da capacidade crítica, emoções sempre em seu estado extremo, sentimento de invencibilidade e influência pela sugestibilidade de um senhor. Uma vez que o sujeito se torna peça de um único ser, a multidão, suas particularidades vão abrindo espaço para a consolidação de apenas uma mentalidade, compartilhada por todos que a compõem, podendo ser incoerente com os valores individuais dos participantes; ao mesmo tempo que se desenvolve um sentimento em comum que aglutina todos os integrantes, e é ele que mantém todos imersos na multidão. Tendo em vista o cenário político atual, podemos elencar como fatores que consolidam este grupo a desconfiança na democracia, o antiesquerdismo e o negacionismo científico.

Ao pertencer à multidão, os sentimentos são automaticamente intensificados de forma extraordinária, as emoções atingem seu estado mais extremo. Esse fervor é particular dos fenômenos de massa, isso é, o sujeito só irá alcançar essa condição, unicamente, dentro das multidões. Os integrantes são apaixonados, movidos constantemente por impulsos, não há lógica na construção de seus argumentos; na verdade, são coordenados exclusivamente por sentimentos, ao passo que suas faculdades mentais são atrofiadas. (Le Bon, 1895; Freud, 1921).

A personalidade inconsciente se sobressai nos participantes da massa, além disso, se encontram em estado hipnótico; tornando-a altamente persuasiva. Logo, quando uma ideologia lhe é sugerida, a tendência é aceitá-la de forma passiva. Os discursos se propagam rapidamente entre seus integrantes, transformando-se em crenças irrefutáveis, uma espécie de sistema doutrinário e dogmático, dando origem a uma única verdade. As fakes news nada mais são que sugestões, recheadas de técnica em sua composição com o intuito de contaminar os usuários, utilizando-se de uma enorme carga afetiva em seu conteúdo, linguagem impositiva com senso de urgência e a presença de autoridades, sejam elas os heróis ou vilões eleitos pela massa. (Le Bon, 1895; Freud, 1921; Júnior et al., 2020).

Os afetos se disseminam intensamente, atingindo a todos e produzindo uma atmosfera afetiva. Le Bon (1895) descreve esse fenômeno como contágio. O sujeito torna-se integrante da massa a partir do processo de identificação com um líder ou uma ideia suprema. Em razão desse clima emocional, cada um deposita a libido somente naqueles que são condizentes com seus valores, evidenciando a necessidade de sempre estar entre iguais, desprezando qualquer um que raciocine de forma divergente da sua. O funcionamento do contágio ocorre por indução recíproca; a força da coação ideológica está diretamente ligada ao número de integrantes da aglomeração, ou seja, o afeto se torna cada vez mais intenso à medida que uma grande quantidade de pessoas o aceita. O efeito da indução recíproca segue

exatamente a mesma lógica que a propagação das fake news no ciberespaço. O alcance de determinado conteúdo é dependente da interação dos usuários com este; portanto, quanto mais likes, comentários e compartilhamentos de determinado post, maior divulgação terá nas redes, podendo alcançar novos usuários. A quantidade de informações circulando na internet tornou-se exuberante, e a fiscalização é quase inexistente, ocasionando na fomentação do alcance e da força da massa. Ao mesmo tempo que os integrantes são vítimas de um amontoado de sugestões (fake news), também se tornam divulgadores de sua doutrina e ainda lhe é concedido o poder de editar os conteúdos para o compartilhamento. (Le Bon, 1895; Freud, 1921; Bucci, 2018; Villaça, 2019; Fernandes, 2020; Júnior et al., 2020; Junior e Petroll e Da Rocha, 2019).

De acordo com Freud (1921) e Le Bon (1895), inicialmente, ainda que detenha conhecimento, o indivíduo pode ser afetado pelas imposições coletivas. Com o tempo, a inserção na aglomeração prejudica significativamente sua capacidade cognitiva e seu raciocínio lógico. A busca da veracidade dos fatos não é do interesse da massa, que procura sempre validar apenas suas narrativas. A era da pós-verdade destaca justamente este comportamento: a inexistência de um senso crítico para refutar os conteúdos ali nas telas e o hábito de compartilhar notícias sem ao menos ter a preocupação e a responsabilidade de averiguar o embasamento da postagem; basta estar de acordo com suas ideologias (Júnior et al., 2020).

A doutrina da aglomeração é baseada em lendas de sua imaginação, que de tão vívidas em sua mente substituem a realidade concreta. O sujeito está imerso em sua própria realidade psíquica e ignora o seu redor; se assemelhando ao estado neurótico. Os algoritmos vêm desempenhando um papel crucial para esta população; ao remover todos os conteúdos divergentes da rede do usuário, o mesmo se aprisiona mais ainda em seu mundo interno (Júnior et al., 2020).

As alucinações coletivas também são produto do fenômeno de massa; os indivíduos são extremamente vulneráveis e adotam as sugestões facilmente, as quais penetram em sua imaginação, sendo capaz de deformar os acontecimentos. Os eventos reais são substituídos por narrativas distorcidas, implantadas na consciência da multidão. Seus participantes têm plena convicção de ter presenciado determinado episódio, que na realidade não ocorreu. A sugestibilidade atinge um ponto crítico em que até mesmo as funções mais primitivas, como audição, visão e memória, são enganadas (Le Bon, 1895; Freud, 1921).

Tudo o que toca a imaginação das multidões apresenta-se sob a forma de uma imagem empolgante e nítida, livre de interpretações acessórias ou apenas acompanhada de alguns fatos maravilhosos: uma grande vitória, um grande milagre, um grande crime, uma grande esperança. (inúmeros pequenos crimes não impressionam a massa, e

tem que ser algo visível, uma gripe não dá para ver, mas a queda da torre sim) (Le Bon, 1895, p.35).

Com títulos chamativos, uso de documentos e fotos adulterados e discursos carregados de afetos, as fake news são facilitadoras para a evocação dessas imagens para a multidão (Jéunior et al., 2020).

O volume da massa não só influencia o contágio, mas também cria uma fantasia de poder. Os participantes se sentem intocáveis e invencíveis, consequentemente não existem limites e barreiras que impeçam a realização de suas vontades. Não refletem sobre a ética de seus comportamentos, isto é, agem de forma irracional, reproduzindo discursos e ações impostos. Cumpre salientar que a repressão e a culpa são inexistentes para a multidão, que não assume nunca a responsabilidade por seus atos. As redes sociais permitiram a expressão dos pensamentos mais intolerantes, e sua livre circulação produziu, não só sentimento de impunidade nos usuários, mas também de identificação e poder, resultando na banalização das mentiras e das manifestações de ódio. Inclusive, a maneira que enxerga e se relaciona com seus opositores é influenciada por uma ordem emocional, resultando, assim, em uma obsessão pelos adversários. Sua mentalidade se limita à concretização dos próprios desejos e objetivos, investindo toda sua energia na eliminação dos demais empecilhos, mesmo que se utilize da violência. (Le Bon, 1895; Freud, 1921; Quadrado e Ferreira, 2020).

A multidão, ao mesmo tempo que é rebelde, impulsiva e agressiva, perante seu senhor é dócil e obediente. Portanto, controlá-la é similar a possuir um exército particular; os soldados internalizam tal ideologia de forma fanática e visceral e aqueles que dela discordarem, são eleitos vilões. A disposição da libido de cada integrante é inteiramente voltada para a realização de seus interesses; é extremamente interessante o movimento de massa para fins políticos, o senhor daquela multidão apenas deverá manejar as sugestões para alcançar seus desejos, pois conforme o passar do tempo, os próprios integrantes vão induzir e suggestionar por conta própria quem estiver ao seu redor. “Conhecer a arte de impressionar a imaginação das multidões é conhecer a arte de as governar.” (Le Bon, 1895, p.35).

3. METODOLOGIA

Conforme Minayo (1993), a pesquisa qualitativa estuda o campo das representações, ações e significados, não devendo ser, portanto, quantificada. Os dados, quando coletados e analisados, são transformados em textos. Esta metodologia valoriza a versatilidade; são os instrumentos de pesquisa que se moldam ao objeto de estudo, evitando sua padronização (Gunther, 2006).

Um tipo de estudo qualitativo é a pesquisa documental que, de acordo com Godoy (1995), se utiliza de diversos documentos na coleta de dados, o que proporciona infinitas possibilidades ao pesquisador. Levando em consideração que a documentação não se limita apenas a produções científicas, mas também abrange conteúdos informais, de primeira mão, que não foram submetidos a tratamento analítico. O autor tem uma rica diversidade a qual pode explorar. Essa metodologia garante o contato do pesquisador com discursos de difícil acesso. Ademais, as informações mantêm-se intactas conforme o tempo, permitindo ao investigador analisar contextos de diferentes épocas, sem que haja deturpação do conteúdo durante a investigação, possibilitando a análise de fenômenos ou tendências de comportamentos.

O princípio da objetividade é fortemente questionado no estudo qualitativo, pois, nesse caso, considera-se a subjetividade do investigador. A realidade social, da qual o sujeito não consegue se desvincular, determina a forma como o ser humano interpreta o mundo. Não é possível alcançar a neutralidade nos trabalhos científicos, dado que a defesa da isenção de valores já é um posicionamento (Gil, 2008; Demo, 1995).

Mesmo que a neutralidade na pesquisa científica seja impossível, é necessário que o pesquisador tenha uma postura cautelosa a fim de evitar qualquer tipo de deturpação ideológica. Primeiramente, deve-se tentar compreender a realidade da forma mais objetiva possível, ainda que a perspectiva do pesquisador a altere. É igualmente importante manifestar as premissas que compõem o raciocínio do autor. Evitar completamente o princípio de objetivação pode resultar na dogmatização de uma perspectiva, ignorando a possibilidade de um debate entre ideias plurais (Demo, 1995).

3.1 Procedimentos de Coleta dos Dados

De acordo com Miskolci e Balieiro (2018), as redes sociais tornaram-se objeto de estudo relevante para as ciências sociais, demandando a criação de uma área especializada, a sociologia digital, porque estas plataformas se transformaram no principal canal de comunicação da atualidade, fazendo parte do cotidiano de grande parcela de pessoas. Nelas, consolidam-se os diversos movimentos sociais, o desenvolvimento dos laços afetivos, a formação de modos de subjetivação, a mobilização política, o sentimento de identificação em relação a um grupo, os linchamentos virtuais, os discursos de ódio e a interação de indivíduos de diferentes culturas e classes sociais. Ou seja, as redes sociais possibilitam enxergar a socialização de forma concreta.

É importante salientar que o meio virtual permite o acesso a uma outra face da pessoa, menos censurada, pois a internet transmite a ideia de liberdade incondicional. O usuário a percebe como um mundo à parte e, por isso, sente-se mais à vontade para se comportar de maneira divergente do que se encontra no modo offline. Portanto, na tentativa de compreender o homem contemporâneo em sua totalidade, é extremamente importante explorar seus comportamentos em um ambiente, no qual ele se sente menos observado (Leite E, Alencar; 2020).

Na coleta de dados, foram utilizadas as plataformas Facebook, Twitter e Instagram, uma vez que permitem uma interação direta entre diferentes usuários, gerando debates sobre os conteúdos ali presentes. São plataformas com grande audiência e operam as funções dos algoritmos para seu funcionamento. As páginas do Instagram selecionadas para a análise de dados foram Agência Lupa e Brasil Fede Covid; foram coletadas cinquenta postagens de cada uma delas. A Agência Lupa realiza um trabalho de apuração da veracidade de diversas notícias que circulam nas redes e de divulgação das informações falsas, comprovando com fatos a natureza enganosa das postagens. A página Brasil Fede Covid surgiu na pandemia para denunciar ações clandestinas como festas, aglomerações e estabelecimentos que não seguiram os protocolos de segurança; além também de denunciar páginas e *posts* contendo *fake news* sobre a covid-19. Tendo em vista que o presente projeto pretende compreender os mecanismos operacionais e as estratégias simbólicas utilizados para criar as notícias falsas, a Agência Lupa e a Brasil Fede Covid serão essenciais para compor os dados desta pesquisa.

3.2 Procedimentos de Análise dos Dados

A finalidade da pesquisa documental é, a partir de uma série de procedimentos, codificar, interpretar e analisar o conteúdo dos documentos primários, produzindo um novo texto. O atual trabalho adotará a metodologia de análise de conteúdo, elaborada pela autora Laurence Bardin, a qual estabeleceu três etapas para a realização do processo analítico: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados (Bardin, 1977 Godoy,1995).

De acordo com Bardin (1977), a primeira etapa se resume à leitura mais descompromissada do material, porém já deixando-se influenciar pelas percepções do texto e utilizando-as para a elaboração de hipóteses. O pesquisador deve desenvolver critérios e todos os documentos que correspondem a eles serão selecionados para compor o *corpus*.

Em seguida, ocorre a indexação que se caracteriza pelo agrupamento dos documentos que possuem componentes semelhantes, segundo categorias

desenvolvidas pelo pesquisador, exigindo-lhe uma leitura mais aprofundada. As categorias devem estar de acordo com as indagações, objetivos e hipóteses da pesquisa. Para cada uma delas, é necessário elaborar premissas que serão responsáveis por reger seu agrupamento, garantindo uma melhor organização e evitando que um documento faça parte de duas classes (Bardin,1977).

Por fim, a última etapa consiste em analisar os dados a partir da categorização realizada na fase anterior. Os documentos são evidências de fenômenos e, por isso, o pesquisador tem a tarefa muito importante de adquirir o máximo de informações sobre a intenção e o contexto por trás do material, na tentativa de decifrá-lo da maneira mais lógica possível, sendo, assim, capaz de retratar os dados de forma condensada, a partir deste procedimento (Bardin,1977; Godoy,1995).

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

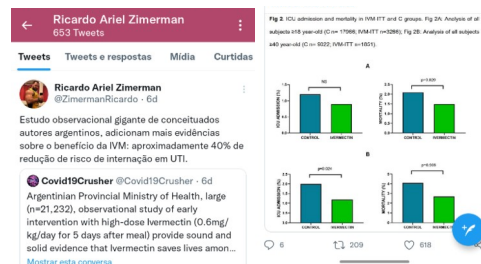
Um regime verdadeiramente democrático protege o direito à informação previsto constitucionalmente. Todo cidadão em uma democracia deve ter acesso a notícias consistentes, à informação de qualidade e à veracidade dos fatos. A mídia fornece subsídio à formação da opinião pública, assumindo a responsabilidade de difundir conteúdo informativo relevante à formação do pensamento e à tomada de decisões. Na era virtual, existem infinitos canais, sistemas e ferramentas que tornam públicas as informações, favorecendo a liberdade de opinião e a pluralidade de crenças na sociedade. Mas informações distorcidas, propositalmente, levam à construção de um ponto de vista descolado da realidade. Nesse caso, o receptor muitas vezes nem tem ciência das outras narrativas existentes. Controlar a mídia, basicamente, é controlar a história e a formação da opinião coletiva, uma ferramenta política poderosíssima. As *fakes news* elaboradas durante a pandemia desempenharam, justamente, essa função e procuraram convencer a população da inofensividade do vírus. Para disseminar tais crenças, foram empregadas diversas táticas, as quais serão discutidas e analisadas neste tópico (Chomsky, 2013).

Para uma melhor organização da análise e da discussão dos dados, as postagens coletadas foram separadas por categorias: apelo emocional, pseudociência, discurso político, discurso científico e uso de autoridades. As três últimas foram subdivididas em grupos ainda mais específicos.

As publicações consideradas para a categoria de discurso científico (imagem 01), utilizam de uma linguagem médica, os *preprints* contêm termos complexos, números, gráficos, dados, pesquisas e nomes de substâncias. Essas características têm o objetivo de maquiar *fake news*; um discurso técnico, racional e inacessível transmite ao usuário das redes digitais a ideia de fidedignidade e credibilidade.

Acredita-se que consumindo este tipo de notícias, automaticamente, o argumento do negacionismo científico é inválido, simplesmente por se tratar de uma “pesquisa”. As verdadeiras produções científicas sobre o vírus contagioso perderam completamente seu valor (Caponi et al., 2021; Oliveira et al., 2021).

Figura 1- Preprints



Fonte: Twitter Ricardo Ariel Zimerman, 2021

Outra forma de legitimação dos discursos negacionistas neste período foi recorrer a figuras de autoridade de distintos campos (político, social, econômico, cultural, científico e artístico), com o intuito de atacar a reputação dos adversários e/ou credibilizar suas próprias opiniões. Na imagem 02, associou-se a rainha ao uso de ivermectina para fortalecer um medicamento cuja eficácia não foi comprovada cientificamente, e enfraquecer a vacinação. Outras postagens coletadas operam da mesma forma: o presidente da Pfizer perdeu sua mulher por conta de reações adversas da vacina; virologista de hospitais demonizam o imunizante; estudos de cientistas alemães comprovam que as máscaras impossibilitam a oxigenação no rosto; o Japão controlou a pandemia mediante a utilização de cloroquina no tratamento da covid-19. As autoridades escolhidas são figuras públicas ou Estados de referência. Aproveita-se do crédito alheio para criar uma vinculação entre ele e a ideologia propagada a fim de que a notícia ganhe veracidade para o público. A figura 02 ao mesmo tempo que menciona a rainha da Inglaterra com o objetivo de validar e estimular o consumo de medicamentos, os quais se tornaram símbolos políticos – uma espécie de salvação, também convoca seus opositores. Globo, Drauzio Varella e João Doria são tratados como os responsáveis pelas mortes dos brasileiros durante a pandemia.

Um atributo marcante dos integrantes da massa é a exaltação das emoções. O fenômeno de massa é extremamente frágil e se comove facilmente; ao mesmo tempo responde às sugestões de forma intensa e violenta. Não por coincidência, muitas *fake news* disseminadas sobre o vírus e a covid-19 durante a pandemia recorreram ao apelo emocional, com o objetivo de inflamar a massa, sensibilizando seus integrantes

e impedindo-os de desenvolver consciência crítica sobre os problemas da realidade concreta (Le Bon, 1895; Freud, 1921).

O falecimento de uma criança em decorrência da imunização e imagens vívidas do pai lamentando sua perda são cenas falaciosas montadas para desestabilizar aquele que recebe a publicação. Uma profusão de símbolos, imagens, linguagens e histórias é disparada aos borbotões para produzir indignação e pânico. Eis alguns exemplos: grávidas que sofrem abortos e crianças que falecem após a aplicação da vacina, além da suposta pesquisa que alerta a população de que o imunizante é responsável por reduzir a expectativa de vida em 10 anos. A carga afetiva das notícias não passa de uma isca; são conteúdos que podem evocar sentimentos de empatia e revolta, justamente, por se tratar de uma narrativa dramática que atinge a qualquer cidadão comum.

Figura 3: Apelo Emocional



Figura 4: Apelo Emocional pt2



Figura 2- Uso de Autoridade



Fonte: Instagram, Agencia_lupa, 2021 Fonte: Instagram, Brasilfedecovid, 2021 Fonte: Instagram, Brasilfedecovid, 2021

A ordem emocional rege o sujeito da multidão, de tal forma, que a sede por justiça e vingança o torna agressivo em seus atos. Alucinada na própria realidade, fechada em si mesma e distante do mundo concreto, a massa se apresenta como a única detentora da verdade, somente ela tem a capacidade de enxergar. Torna-se evidente a construção da fantasia; ela crê no irreal, em informações ilógicas, somente porque estão de acordo com suas crenças. As imagens 5, 6 e 7 fazem alusão ao campo político: um plano diabólico elaborado pelos opositores, aqueles que se recusam a aceitar a pandemia são misteriosamente mortos (Le Bon, 1895; Freud, 1921).

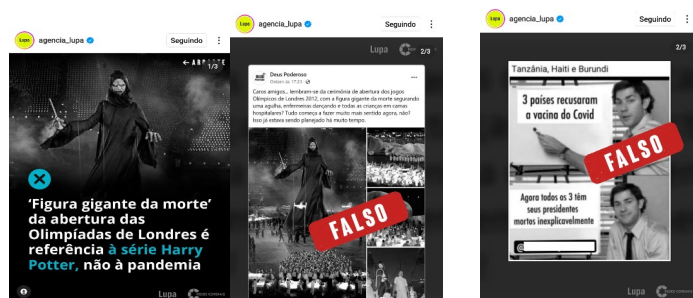
É importante observar alguns elementos que compõem a imagem 8. A estrutura – letras maiúsculas e linguagem impositiva – desenvolve no indivíduo um senso de urgência que o compele a compartilhar imediatamente tal conteúdo, sem submetê-lo à apreciação crítica, com o intuito de proteger os próximos. Anuncia-se, com significativo espanto, a presença de uma conspiração: a pandemia foi arquitetada

pela China a fim de criar um gênero único, de natureza estéril, com o propósito de atacar a família cristã brasileira. Além das teses conspiratórias, verifica-se nas mensagens falsificadas um forte viés político: constroem-se inimigos da pátria, que divergem dos dogmas da massa enfurecida e assustada (chineses, socialistas, comunistas e globolixo), e em paralela elege-se um herói capaz de derrotá-los, no caso, o então presidente da República. (Monari; Sacramento, 2022)

Ainda na imagem 8, é possível enxergar, de forma prática, a constituição da multidão. Depreende-se a existência de uma identidade e de valores morais: é cristã, defensora da família, patriota e apoiadora do presidente da República da época. A identificação com estes traços é a força que aglutina os participantes. De tão imersos que estão, gozam apenas da companhia de seus iguais. Da mesma forma, a figura do vilão também é bem definida e assume diferentes rostos e configurações: comunistas, socialistas, chineses, homossexuais, mídias tradicionais e cientistas. Vivem tanto suas fantasias que se portam como soldados em uma guerra, comandados por seu senhor. A obsessão pelos oponentes e a violência a eles dirigida estão explícitas no discurso de ódio presente no *post*, sob a forma da xenofobia e da homofobia (Le Bon, 1895; Freud, 1921; Monari; Sacramento, 2022).

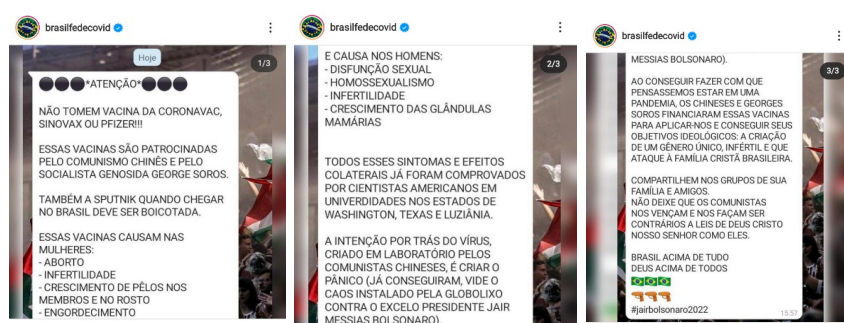
Para que os dogmas sejam disseminados pelos indivíduos solitários que compõem a massa, é necessário instaurar o terror, o pânico, o caos e a perseguição. Assim, quando compartilham as postagens, o fazem por defesa, porque acreditam que estão desprotegidos. A teoria que os comunistas planejaram a pandemia foi uma sugestão emocional aceita com muita facilidade por alguns. Foram divulgadas publicações sobre o calendário das cepas planejado para os anos subsequentes, a construção de um centro de detenção para aqueles que se negaram a tomar a vacina e o assassinato de um químico após a divulgação de seu vídeo comprovando a presença de grafeno no imunizante (Le Bon, 1895; Freud, 1921; Monari; Sacramento, 2022).

Figura 5: Viés Político Figura 6: Viés Político pt2 Figura 7- Falta de Liberdade



Fonte: Instagram, agencia_lupa, 2021

Figura 8: Ditadura Comunista



Fonte: Instagram, *brasilfedecovid*, 2021

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com exceção dos *preprints*, as notícias fraudulentas não possuem dados, pesquisas, estatísticas, *links* ou plataformas que eventualmente explicariam de modo integral a ideia transmitida. Contêm apenas imagens, que instigam com facilidade a manifestação de fortes emoções, produzindo um efeito contágio na massa. Nas bolhas digitais, são elaborados enunciados – muitas vezes redigidos com erros ortográficos inadmissíveis, sem preocupação com as normas gramaticais – os quais não utilizam metodologia jornalística, mas um discurso informal e pessoal, baseado em informações falsas e recheado de teorias da conspiração, discursos de ódio e, principalmente, apelos emocionais (Sousa; Petroll; da Rocha, 2019).

A falta de capacidade crítica daqueles que são fisgados pelas *fake news* é um sintoma que evidencia quão imersos estão na multidão. Aceitam sem indagações as sugestões e buscam incansavelmente por um líder e um bode expiatório de forma quase inconsciente. A maior parte das publicações coletadas fazia menção a algum símbolo de salvação (o ex-presidente, a ivermectina, a cloroquina) ou à construção de inimigos.

Por conta da polarização política que se agravou com a atuação dos algoritmos, sentimentos como antiesquerdismo e desconfiança na democracia se intensificaram e contribuíram para forjar a alma da multidão. As emoções alcançaram seu extremo, alimentando discursos de ódio, percepções atrofiadas, consciências comprometidas e pensamentos negacionistas (Le Bon, 1895; Freud, 1921).

Avaliando o cenário da pandemia, as *fakes news* serviram como sugestões emocionais para proporcionar efeitos exclusivamente políticos. Fortalecendo a união da multidão, estimulando seu estado catártico e hipnótico e propagando suas doutrinas, nasce, assim, um exército convicto e fanático, determinado a alcançar os objetivos impostos por seu senhor. Igualam-se a neuróticos, movidos por um inconsciente dominante. Da mesma forma que os participantes são responsáveis por

expandir a massa, também são vítimas dela (Le Bon, 1895; Freud, 1921; Monari; Sacramento, 2022).

6. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA-FILHO, N. **Pandemia de COVID-19 no Brasil: equívocos estratégicos induzidos por retórica negacionista**. Brasília: OPAS/CONASS, 2020, p. 214-225. Disponível em: <https://cnte.org.br/images/stories/2021/2021_02_16_almeida_filho_pandemia_conass_opas.pdf>. Acesso em: 14/10/2022.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BISOL, J. Politização da vacina é irresponsabilidade sanitária. **Cadernos Ibero-Americanos de Direito Sanitário**, [S. l.], v. 9, n. 4, p. 192-197, 2020. Disponível em: <<https://www.cadernos.prodisa.fiocruz.br/index.php/cadernos/article/view/751/782>>. Acesso em: 20/11/2022.
- BRUNO, F. G.; BENTES, A. C. F.; FALTAY, P. Economia psíquica dos algoritmos e laboratório de plataforma: mercado, ciência e modulação do comportamento. *Revista FAMECOS*, [S. l.], v. 26, n. 3, p. e33095, 2019. DOI: 10.15448/1980-3729.2019.3.33095. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/33095>>. Acesso em: 11 jan. 2023.
- LE BON, G. (1895). **Psicologia Das Massas**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.
- BUCCI, E. Seriam as fake news mais eficazes para campanhas de direita? – uma hipótese a partir das eleições de 2018 no Brasil. **Novos Olhares**, v. 8, n. 2, p. 21-29, 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/162062/158018>>. Acesso em: 11 jan. 2023.
- CAPONI, S.; BRZOZOWSKI, F. S.; HELLMANN, F.; BITTENCOURT, S. C. O uso político da cloroquina: COVID-19, negacionismo e neoliberalismo. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 09, nº 21, p. 78-102, 2021. Disponível em: <https://rbs.sbsociologia.com.br/index.php/rbs/article/view/rbs.774/pdf_45>. Acesso em: 11 jan. 2023.
- DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Editora Atlas, 1995.
- FALCÃO, P.; SOUZA, A. B. de. Pandemia de desinformação: as fake news no contexto da Covid-19 no Brasil. *RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 55-71, jan./mar. 2021. Disponível em: <https://rbs.sbsociologia.com.br/index.php/rbs/article/view/rbs.774/pdf_45>. Acesso em:
- FAVA, Gihana; JÚNIOR, Carlos Pernisa. Filtro bolha: como tecnologias digitais preditivas transformam a comunicação mediada por computador. **Revista ECO-Pós**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 02, p. 275-294, 2017. Disponível em: <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/2277/8752>. Acesso em:

FERNANDES, C. M.; OLIVEIRA, L. A. de; CAMPOS, M. M. de; Coimbra, M. R. A Pós-verdade em tempos de Covid 19: o negacionismo no discurso de Jair Bolsonaro no Instagram. **Liinc Em Revista**, v. 16, nº 2, e5317, 2020. Disponível em: <<https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5317/5103>>. Acesso em:

FREUD, S. (1921). Psicologia das massas e análise do ego. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 89-179.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Rev. adm. empres.**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, jun. 1995. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 13 jun. 2023

GUNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 201-209, ago. 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/HMpC4d5cbXsdt6RqbrmZk3J/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 13 jun. 2023

HEGENBERG, Ivan Alexander. Fake news como desafio para a cultura. **Palimpsesto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, [S.l.], v. 18, n. 30, p. 100-113, nov.2019. Disponível em:< <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/42778>>. Acesso em: 13 jun. 2023.

HOLANDA, R. R.; LAVOR FILHO, T. L. de; ANTUNES, D. C. Indústria cultural e (semi)informação: mídias sociais e fake news nos entornos da política brasileira. **Id on line Rev. Mult. Psic.**, v. 13, n. 46, p. 262-276, 2019. Disponível em: <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1885>>. Acesso em: 13 jun. 2023
SOUSA JÚNIOR, J. H. de; RAASCH, M.; SOARES, J. C.; RIBEIRO, L. V. H. A. de S. Da Desinformação ao Caos: uma análise das Fake News frente à pandemia do Coronavírus (COVID-19) no Brasil. **Cadernos de Prospecção**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 331, 2020. Acesso em: 04 ago. 2023. .

SOUSA JÚNIOR, J. H. D.; PETROLL, M. D. L. M.; ROCHA, R. A. D. Fake News e o Comportamento Online dos Eleitores nas Redes Sociais durante a Campanha Presidencial Brasileira de 2018. In: **XXII SEMEAD–SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO**, USP, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://semead.com.br/22/wp-content/uploads/sites/9/2019/10/XXII-SemeAd-Programacao.pdf> Acesso em: 11 jan. 2023.

MACHADO, Jorge; MISKOLCI, Richard. Das jornadas de junho à cruzada moral: o papel das redes sociais na polarização política brasileira. **Sociol. Antropol.**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 945-970, dez 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/q8zsjyJYW3Jf3DBFSzZJPBg/?lang=pt> Acesso em: 11 jan. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

Disponível em: < <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf> > Acesso em: 11 jan. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, Mar. 2012. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMf/#> > Acesso em: 11 jan. 2023.

MISKOLCI, Richard; BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. Sociologia Digital: balanço provisório e desafios. **Revista Brasileira de Sociologia-RBS**, v. 06, n. 12, p. 132-156, jan/abr. 2018. Disponível em: < <https://rbs.sbsociologia.com.br/index.php/rbs/article/view/352> > Acesso em: 11 jan. 2023.

MONARI, Ana Carolina Pontalti; SACRAMENTO, Igor. Pós-verdade e desinformação: Telegram e as dinâmicas de mediação no contexto da pandemia de Covid-19. **Fundação Oswaldo Cruz**, Rio de Janeiro. 2022 Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0720202213382262d82f7ef26a6> > Acesso em: 11 jan. 2023.

OLIVEIRA, Thaiane et al. Politização de controvérsias científicas pela mídia brasileira em tempos de pandemia: a circulação de preprints sobre Covid-19 e seus reflexos. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 11, n. 2, jan/jul. 2021 Disponível em: <<https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/11810/0>> Acesso em: 11 jan. 2023.

PASQUALE, Frank. A esfera pública automatizada. **Líbero ano XX**, n. 39, p. 18-35, jan/ago de 2017. Disponível em: <<https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/866>> Acesso em: 11 jan. 2023.

QUADRADO, Jaqueline Carvalho; FERREIRA, Ewerton da Silva. Ódio e intolerância nas redes sociais digitais. **Rev. katálisis**, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 419-428, dez. 2020. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rk/a/3LNyLswf9rkhDStZ9v4YT3H/?lang=pt#ModalHowcite> > Acesso em: 11 jan. 2023.

VASCONCELLOS-SILVA, Paulo R.; CASTIEL, Luis e David. COVID-19, as fake news e o sono da razão comunicativa gerando monstros: a narrativa dos riscos e os riscos das narrativas. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/d6ZXNpddtmjgNjRtKMDY4bR/#>> Acesso em: 11 jan. 2023.

VILLACA, T. M. No que acreditar: pós-verdade e fake news como estratégias políticas. **Revista Miquel**, v. 01, n. 01, p. 33-47, jul/dez 2019. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46047/46047.PDF>> Acesso em: 11 jan. 2023..

Contatos: lauradgmariutti@gmail.com; bruna.dantas@mackenzie.br